

## Breve história da política cultural paulistana

associados ao industrial Francisco Matarazzo Sobrinho, principal patrocinador do museu.

Também em 1948, e com aporte financeiro de Matarazzo, Franco Zampari criou o Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, que reunia dois grupos de teatro amador ativos no início dos anos 40: o Grupo Experimental de Teatro, liderado por Alfredo Mesquita e Abílio Pereira de Almeida, e o Grupo Universitário de Teatro, dirigido por Décio de Almeida Prado. A partir do sucesso do TBC, houve um grande estímulo à criação de companhias teatrais com espaços próprios, como o Teatro Maria Della Costa, criado em 1954, e o Cacilda Becker, em 1957. A expansão da produção teatral estimulou o governo municipal a construir teatros nos bairros. São do final da década de 50 o teatro Paulo Eiró, em Santo Amaro, o João Caetano, na Vila Clementino, e o Arthur Azevedo, na Mooca.

Em 1951, no mesmo ano em que se realizou a I Bienal do Museu de Arte Moderna, o prefeito Armando de Arruda Pereira criou o Plano de Melhoramentos Públicos, com a finalidade de preparar a cidade para os festejos dos 400 anos de sua fundação, comemorados em 1954. A Comissão do IV Centenário, composta por representantes da iniciativa privada e de instituições públicas, programou eventos culturais e exposições industriais, comerciais e artísticas, que ocuparam os pavilhões, especialmente projetados por Oscar Niemeyer, no Parque Ibirapuera. Como parte dos festejos, foi organizado um Festival Internacional de Cinema, por Paulo Emilio Salles Gomes, então diretor da Cinemateca do MAM, origem da Cinemateca Brasileira. O Balé do IV Centenário mobilizou compositores nacionais de música erudita, coreógrafos e dançarinos. Sob o ritmo dos festejos do IV Centenário e do momento desenvolvimentista que se iniciava, mais investimentos públicos e privados foram realizados na área da cultura. Assim como os teatros municipais de bairro, novas bibliotecas foram construídas nesse período. No final da década de 50, São Paulo havia abandonado sua condição provinciana e já possuía todo o sistema de

produção, distribuição, consumo e preservação culturais definitivamente consolidado, que contava com a participação da iniciativa privada, dos órgãos governamentais e da sociedade.

O período do regime militar ficou conhecido como a “era do plano”. É o período em que foram criados diversos órgãos públicos voltados para o planejamento. No âmbito da cultura, o governo federal, por exemplo, fundou um conjunto de secretarias, institutos e empresas públicas para gerir e promover a produção cultural e destinar verbas ao financiamento de projetos. São os casos da Embrafilme, criada em 1969, e da Funarte, em 1975. A ditadura militar também ampliou o serviço de censura, montou um quadro de censores federais e formulou uma legislação repressiva e reguladora dos conteúdos da produção cultural. Por outro lado, o mercado de arte e de cultura acompanhava o ritmo de crescimento econômico propiciado pelo “milagre brasileiro”, o que levou a um aquecimento dos negócios culturais no mercado interno. Nessa época, São Paulo tinha cerca de sete milhões de habitantes, vivia as grandes intervenções urbanas<sup>6</sup> e possuía uma estrutura social cada vez mais complexa. Acrescenta-se a esse quadro o processo de expansão da indústria cultural, dos meios de comunicação de massa e do ensino privado, para se concluir que os destinos da cultura não podiam mais depender de um número reduzido de intelectuais e de raros patrocinadores ilustrados.

O primeiro *shopping center* de São Paulo foi inaugurado em 1966. Na década de 70, já existiam outros sete novos empreendimentos do tipo em funcionamento. Hoje, a cidade possui mais de 60 centros de compra dotados de salas de cinema e outros serviços de cultura e lazer, que levam vantagem na disputa pelo público, sobre os outros espaços instalados nas ruas da cidade. A idéia de grandes complexos que concentram atividades e serviços diversos num mesmo local foi apropriada também pelos gestores culturais. No final dos anos 70, a construção do *Centro Cultural Georges Pompidou*, em Paris, deflagrou a discussão sobre complexos culturais que associavam